

Sou psicoterapeuta com formação junguiana e rogeriana, ou seja, meus grandes professores foram Jung e Rogers.

Rogers foi chamado de revolucionário silencioso e eu formei o Movimento da Revolução Silenciosa na Itália que organizou o XVI Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa Rogeriana “Construindo Pontes” [PCA2021], Fóruns nascidos em 1982 e pela primeira vez na Itália, realizados de 8 a 13 de novembro no Borgo di Tragliata perto de Roma com 102 participantes de 29 países diferentes de todo o mundo.

Voltando à minha entrevista na Rádio Roma Capitale transmitida em 8 de junho de 2019 onde falo sobre psicose e meu livro Vincere Barbablù em relação à história da psicose de Saturnia, gostaria de dizer hoje que, finalmente me sentindo acolhida por pessoas de todo o mundo no Fórum do qual mencionei, eu leio em um grupo de encontro com todos os participantes o seguinte.

[...]

Eu sou Satúrnia.

Não tive filhos, porque tinha medo de, com um filho, cometer os mesmos erros que minha mãe, que guardava um segredo que tínhamos descoberto somente depois de sua morte, cometera com meu irmão.

Passei por uma interrupção voluntária de gravidez e por uma tentativa de suicídio, quando estava com 26 anos, tentativa, esta, seguida por três dias de coma.

E ainda enfrentei cinco pesadas hospitalizações, por conta de delírios, alucinações e muitas outras coisas ainda piores. Tentaram me curar com acupuntura e homeopatia.

Encheram-me de psicofármacos, para além de toda imaginação. Até sessões de eletrochoque tive.

Vivi longas e ásperas depressões, ao sair das crises psicóticas. Foi só graças a um psiquiatra com rosto humano e, sobretudo, graças à psicoterapia rogeriana de Anna Nazzarena Nardini que consegui me salvar.

Em forma anônima, publiquei meu livro Vincere Barbablù [Derrotar Barba-Azul], que é a história de Satúrnia, correspondendo à minha autobiografia até o ano 2000, mas, para a publicação, busquei um psiquiatra de renome para o prefácio. Muitos recusaram.

Somente mais tarde teria encontrado o grande professor Callieri, autor de Quand l'ombre gagne [Quando as sombras vencem], que aceitou. Ele também, todavia, sofrera o ostracismo dos organicistas e dos barões da psiquiatria, por ser considerado demasiadamente humanista.

Fui aceita no percurso rogeriano (de outra vertente), para me tornar psicoterapeuta, mas com a recomendação de nunca revelar minha condição de psicótica. Isso me tornava uma exceção, psicoterapeuta psicótica (meu último ataque foi em 1992) e agora procedo com suporte farmacológico, porque as pessoas acometidas por psicose são expulsadas de todas as demais escolas.

Mas eu não me sinto uma exceção. Quantos poderiam ajudar, assim como eu ajudo, justamente graças ao que vivi, tão bem acolhida! Enfim, eu publiquei para os profissionais.

As pessoas “normais”, por outro lado, apreciam muito minha história: meus irmãos e familiares, meu marido, meus amigos, colegas, colaboradores e as pessoas que eu atendo, como psicoterapeuta, quando precisam de minhas palavras. Quando me dizem: “não vou sair nunca dessa”, eu ofereço meu livro e digo “é a minha autobiografia”. Por si só, um subtítulo. Quem pode se livrar da esquizofrenia, pode enfrentar e vencer o que for. Rechaçada, julgada, rotulada, porque me isolei durante minhas crises, justamente porque

as pessoas acometidas por psicose amam demais; e esta experiência me aproximou dos Negros: rechaçados, julgados, rotulados.

Na Itália, os hospícios foram fechados em 1978, no ano de minha primeira crise. E ainda hoje, não há psiquiatras que aconselhem uma psicoterapia ao lado da terapia farmacológica. Se esta não é uma questão social, o que o seria?

*Então, justamente graças a esta história que eu ajudo muitas pessoas acometidas por psicose e, evidentemente, também em outras condições. Obrigada por ter-me ouvido.
Borgo di Tragliata – Fiumicino (Roma), 11 de novembro de 2022*

Eu me refiro a todo o meu site

Radio Roma Capitale – On Air Show 20-01-2023